

Gazeta Imperial

Jornal editado pelo Instituto Brasil Imperial
Junho de 2010 Ano XV Número 176

www.brasilimperial.org.br

COMENDADOR ANTONYO DA CRUZ
DIRETOR PRESIDENTE

WAGNER BERNARDINO DE SEIXAS
DIRETOR ADMINISTRATIVO

ROBERTO MOURÃO FIGUEIREDO SILVA
DIRETOR FINANCEIRO

ALESSANDRO JOSÉ PADIN FERREIRA
EDITOR-CHEFE



D. Antonio: O PNDH-3 é um golpe anti-cristão e anti-família

No dia 6 de junho, após a Missa de Ação de Graças realizada na Igreja da Imperial Irmandade de Nossa Senhora do Outeiro, na Glória (Rio de Janeiro), em comemoração ao 72º aniversário do Príncipe Dom Luiz de Orleans e Bragança, Chefe da Casa Imperial do Brasil, D. Antonio concedeu entrevista ao IBI Pág.4

Em artigo, Dr. Rubens Vuono Brito fala dos malefícios do regime republicano

Pág.8



Entrevista com Danilo Garcia de Andrade, um jovem monarquista

Pág.6



Instituto Brasil Imperial prestigia XXI Encontro Monárquico no Rio de Janeiro promovido pela Casa Imperial do Brasil e Pró-Monarquia

Pág.3

A Palavra do Presidente

Movimento monárquico
mostra força em
XXI Encontro no Rio

Prezados Monarquistas,

Promovido pela Casa Imperial do Brasil e a Pró-Monarquia, o Movimento Monárquico Brasileiro esteve reunido na cidade do Rio de Janeiro no dia 05 de junho, onde tivemos o prazer de encontrar expoentes monarquistas de todas as regiões do País que ali estavam para discutir a atual conjuntura do Brasil e a missão dos Monarquistas muito bem apresentadas pelo Príncipe Imperial do Brasil, Dom Bertrand de Orleans e Bragança. Fomos brindados com os ensinamentos sobre o Plano Nacional de Direitos Humanos 3 – Pndh3, pelo professor Dr. Ibsen Noronha e Dr. Hélio Monteiro de Barros, um decreto com 513 artigos que supera em muito algumas constituições. Este decreto muda totalmente a relação do cidadão para com a família, com a sociedade e para com o estado

Na definição de Marcos, correspondente em São Paulo, (O PNDH-3 – Criação de uma Ditadura Marxista no Brasil?, www.henrymakow.com, <http://www.espada.eti.br/pndh3.asp>) este projeto é um excelente exemplo de Dialética Hegeliana e novilíngua. Direitos humanos, nesse projeto, significam qualquer coisa que o governo queira que signifiquem e servem como desculpas para revisar todas as leis, censurar toda a mídia, confiscar a propriedade privada e abolir a liberdade de expressão. Com uma canetada, Lula quer implementar a revolução marxista que até aqui escondeu do povo brasileiro

CHINESES AVANÇAM NA COMPRA DE TERRAS NO BRASIL

Também recebemos ensinamentos que nos preocupa, a palestra do Sr. José Carlos Alves de Matos Sepúlveda da Fonseca sobre a Ameaça Bolivariana na América, o que mais nos chamou a atenção foi sobre a venda de parte do território brasileiro para o governo da china.

O Brasil poderia exportar grãos e bioenergia, mas prefere vender o nosso território para o governo chinês.

Porque plantar, colher, dar emprego decente para o nosso povo, se pode vender nosso território para que a china implante aqui no Brasil o trabalho escravo, tal como ele faz em seu país. Veja mais em: <http://www.pecuaria.com.br/info.php?ver=8329>, É necessário e urgente que o brasileiro acorde e se informe do que está acontecendo em nosso País e para onde caminhamos, vamos nos unir em torno do Instituto Brasil

Imperial e participar do núcleo da sua cidade, não deixe para depois, a hora de agir é agora, ou pode ser tarde demais.

Escreva-nos aguardamos você, anote nosso e-mail: presidencia@brasilimperial.org.br, visite nosso site e faça sua inscrição: www.brasilimperial.org.br

Saudações Monarquistas!

Comendador Antonyo da Cruz

Presidente do Instituto Brasil Imperial
presidente@brasilimperial.org.br



Imagem do Mês



O IBI sauda o Príncipe D. Rafael de Orleans e Bragança, o futuro da Casa Imperial do Brasil

O Instituto Brasil Imperial (IBI) parabeniza o Príncipe D. Rafael de Orleans e Bragança pela destacada participação no XXI Encontro Monárquico realizado no Rio de Janeiro no mês de junho. O futuro está garantido!

Gazeta
Imperial

Jornal editado pelo Instituto Brasil Imperial
Ano XV Número 176
www.brasilimperial.org.br

A Gazeta Imperial é uma publicação do Instituto Brasil Imperial. Artigos, sugestões de reportagens, divulgação de eventos monárquicos e imagens podem ser enviados para brasilimperial@brasilimperial.com.br

Comendador Antonyo da Cruz

Presidente do Instituto Brasil Imperial
presidente@brasilimperial.org.br

Alessandro Padin
Editor e jornalista responsável
alessandro_padin@uol.com.br



www.brasilimperial.org.br

XXI Encontro Monárquico

Instituto Brasil Imperial marca presença em encontro de Monarquistas no Rio de Janeiro

"O IBI teve a honra de participar do encontro. Mostramos força e um posicionamento contundente contra o que está acontecendo no Brasil", disse o presidente do IBI, Comendador Antonyo da Cruz

Da redação do IBI

O Instituto Brasil Imperial (IBI) marcou presença no XXI Encontro Monárquico que foi realizado no dia 5 de junho no Hotel Flórida, na Bairro do Flamengo, Rio de Janeiro. Realizado pela Casa Imperial do Brasil e a Pró-Monarquia, o encontro mostrou a força do movimento no País e marcou pela memória aos 90 anos de falecimento do Príncipe Imperial Dom Luiz de Orleans e Bragança, o Príncipe Perfeito.

"O IBI é um defensor do fortalecimento do pensamento monárquico e teve a honra de participar do encontro. Mostramos força e um posicionamento contundente contra o que está acontecendo no Brasil. É hora de

agir e mostrar coragem", afirmou o presidente do IBI, Comendador Antonyo da Cruz. Ele continua: "queria parabenizar a organização do evento, que nos proporcionou um dia produtivo de palestras e a possibilidade de conhecer monarquistas antigos e novos de todo o País". O Príncipe Imperial D. Bertrand de Orleans e Bragança abriu os trabalhos falando em nome do chefe da Casa do Imperial do Brasil, D. Luiz de Orleans e Bragança. Ele abordou com propriedade sobre o Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3), projeto do presidente Lula que quer instaurar um regime marxista-soviético no País, extinguindo, principalmente, a livre iniciativa e a liberdade religiosa. Também falaram sobre o tema os



O presidente do IBI, Comendador Antonyo da Cruz, ao lado do Príncipe Imperial D. Bertrand de Orleans e Bragança: encontro mostrou a força do atual momento do Movimento Monárquico no País

advogados Ibsen Noronha e Hélio Monteiro de Barros, que destacaram o ataque que esta ação do governo lulista faz a família e a propriedade privada.

O que é Monarquia O professor Rogério da Silva Tjäder fez uma

palestra sobre D. Luiz, o Príncipe Perfeito, e também abordou o seu livro "O que é Monarquia", que foi reeditado. Outro palestrante, José Carlos Alves de Matos Sepúlveda da Fonseca, falou sobre a ameaça bolivariana na América sobre a venda de parte do território brasileiro para o governo da China.

No dia 6 de junho houve Missa de Ação de Graças realizada na Igreja da Imperial Irmandade de Nossa Senhora do Outeiro, na Glória (Rio de Janeiro), em comemoração ao 72º aniversário do Príncipe Dom Luiz de Orleans e Bragança, além de almoço festivo. "Saio deste evento com a confiança redobrada na união dos monarquistas e na defesa da causa. Que haja encontros como esse em todos os cantos da Nação!", Destacou Antonyo da Cruz.



O presidente do IBI, Comendador Antonyo da Cruz, o Príncipe Imperial, D. Antonio de Orleans e Bragança, e o coordenador de desenvolvimento do IBI, Danilo Garcia de Andrade. À direita: Família Imperial do Brasil

Entrevista - **D. Antonio**

D. Antonio questiona o governo: "Eu gostaria de saber o que eles fariam com o Cristo?"

Em entrevista a Gazeta Imperial, o Príncipe Imperial D. Antonio aborda o atual momento do País e fala sobre o futuro do Movimento Monárquico. Ficou provado, mais uma vez, a lucidez e compromisso da Família Imperial Brasileira com a Nação

Da Redação do IBI

O Príncipe Imperial D. Antonio João Maria José Jorge Miguel Rafael Gabriel Gonzaga de Orleans e Bragança é o sétimo filho do Príncipe D. Pedro Henrique de Orleans e Bragança (Chefe da Casa Imperial do Brasil até 1981, ano do seu falecimento) e da Princesa D. Maria da Baviera de Orleans e Bragança; é bisneto da Princesa Isabel, trineto de D. Pedro II., tetraneto de D. Pedro I, e irmão e segundo sucessor do Príncipe D. Luiz de Orleans e Bragança, atual Chefe da Casa Imperial do Brasil. Assim, por linha paterna, descende

o Príncipe D. Antônio, dos monarcas da Casa de Bragança, que reinaram em Portugal de 1640 a 1910, e no Brasil, de 1822 a 1889. Ainda pela mesma linha, provém ele da Casa Real da França, unida à Casa Imperial do Brasil pelo casamento do Príncipe Gastão de Orleans, Conde D'Eu com a Princesa Isabel. Por linha materna é bisneto do Rei Luiz III da Baviera, da Casa Real de Wittelsbach, uma das mais antigas da Europa.

Brasileiro, nascido em Rio de Janeiro a 24 de Junho de 1950, casou-se em 25 de setembro de 1981 com D. Cristina de Ligne, nascida em Beloeil (Bélgica) em 11-VIII-55, filha do Príncipe Antônio de Ligne e da Princesa Alice de Luxemburgo. Do matrimônio nasceram-lhe quatro filhos: D. Pedro Luiz, Da. Amélia, D. Rafael e Da. Maria Gabriela. É diplomado em Engenharia Civil, Área de Projetos de Grandes Estruturas, pela Universidade de Barra do Piraí, ligada ao complexo da Companhia Siderúrgica Nacional, em 1976.

No dia 6 de junho, após a Missa de Ação de Graças realizada na Igreja da Imperial Irmandade de Nossa Senhora do Outeiro, na Glória (Rio de Janeiro), em comemoração ao 72º aniversário do Príncipe Dom



O presidente do Instituto Brasil Imperial (IBI), Comendador Antonio da Cruz, conversa com o Príncipe Imperial D. Antonio. Em pauta a situação atual do País o fortalecimento do Movimento Monárquico

Luiz de Orleans e Bragança, Chefe da Casa Imperial do Brasil, D. Antonio concedeu entrevista ao IBI:

Gostaria que o senhor falasse sobre o nosso chefe da Casa Imperial do Brasil, D. Luiz de Orleans e Bragança.

D. Luiz representa não só para a família como para todos que o conhecem uma figura boníssima e um Chefe de Estado ideal. É de uma boa vontade imensa, um católico fervoroso e muito corajoso. Nunca teve medo de expor suas opiniões quanto a situação atual do País. Certa vez uma senhora portuguesa perguntou a um amigo qual era o perfil dos príncipes brasileiros. Ele falou sobre a imparcialidade de D. Luiz e a defesa da Nação que faz. Ela, então, respondeu: esse é o perfil ideal de um líder para qualquer

país do mundo.

Como o senhor vê o atual momento da política nacional?

Nós vemos um descalabro por todos os lados, uma falta de respeito a população, uma falta de respeito as leis. O próprio presidente descumpra a legislação, como no caso da propaganda eleitoral antecipada. Ele, como Chefe de Estado, deveria ser o primeiro a dar exemplo e isso não acontece. Temos um lindo e rico País e se vê tentativas de destruição dele. Atualmente no Brasil há um desrespeito a separação dos poderes com o presidente tentando influenciar a todos de forma negativa. Falta a figura do Imperador, do Poder Moderador, que está acima dos partidos. O Imperador já nasce com a responsabilidade. É um sacrifício que nós, da Família Imperial, fazemos



Príncipe Imperial D. Rafael ao lado do Príncipe Imperial D. Bertrand durante o XXI Encontro Monárquico. Segundo D. Antonio, ele está se preparando para liderar e ser um grande Chefe de Estado

com grande prazer. O Monarca, desde o nascimento, tem uma responsabilidade imensa com a Nação. Desde criança é preparado para considerar o País a sua família. O interesse maior dele, portanto, é o bem da sua Nação, da sua família.

Os países com melhores resultados de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do mundo são monarquias. Podemos dizer que os países democráticos, como mais justiça social, são conduzidos por monarcas?

Perfeito. Para uma democracia funcionar é preciso o respeito as leis e alguém acima, no caso o Monarca, é fundamental para que sejam cumpridas. O Poder Moderador sempre previu isso. A autoridade moral do Monarca traz em si o respeito às instituições.

Como o senhor acha que os movimentos monarquistas

devem se posicionar neste momento do País?

Temos que preparar o País para uma eventual volta a Monarquia com uma mudança radical. Temos que combater várias tendências como, por exemplo, o PNDH-3 (Plano Nacional de Direitos Humanos) que subverte toda a Constituição do País. É uma constituição soviética feita por decreto que não respeita a livre iniciativa, principalmente o agronegócio, e a tradição católica dos brasileiros ao permitir o aborto

e proibir símbolos religiosos nas repartições públicas. Eu gostaria de saber o que eles fariam com o Cristo Redentor? É um plano imposto, um golpe marxista, anti-cristão e anti-família.

O que o senhor acha do ensino de história no Brasil?

Quando eu estudei história falava-se muito pouco da Monarquia. Já com os meus filhos, quando via os trabalhos que os professores passavam eu me irritava de tal maneira com as mentiras, com a

maneira jocosa, com os anti-valores que a tendência socialista trouxe para o ensino. Eu lia os livros e falava aos meus filhos que estavam totalmente errados. Os cursos de história atualmente são inteiramente falsos, tentando passar uma visão única, que é a visão socialista. Mas estou tranquilo quanto ao futuro do movimento monárquico. D.Rafael, na missa em memória do irmão, assumiu o compromisso de seguir os mesmos passos. Ele está se preparando para liderar e ser um grande Chefe de Estado.

Príncipe D. Antonio completa 60 anos

[Monarquia 21](http://monarquia21.org)
<http://monarquia21.org>

Temos a alegria de informar aos monarquistas brasileiros e aos amigos da Família Imperial que o Príncipe Dom Antônio de Orleans e Bragança completou seu 60º aniversário dia 24 de

junho. Neste dia ele assistiu, no Rio de Janeiro, à Santa Missa que a Soberana e Militar Ordem de Malta fez rezar em honra de seu Patrono São João Batista, no Mosteiro de São Bento, tendo como celebrante o Abade Dom Roberto Lopes. No decurso da cerimônia Dom

Antônio foi recebido na Ordem, no grau de Cavaleiro de Honra e Devoção, seguindo os passos de seu pai o saudoso Príncipe Dom Pedro Henrique e de seus irmãos Dom Luiz, Chefe da Casa Imperial e Dom Bertrand, Príncipe Imperial.

Galeria de fotos do XXI Encontro Monárquico



Danilo Garcia de Andrade: a força da juventude do Movimento Monárquico no País

Nesta entrevista, o advogado e coordenador de desenvolvimento do IBI, Danilo Garcia de Andrade, o Conde de Bobadela fala sobre o compromisso de manter acesa a chama da dinastia que surgiu em Portugal há séculos

Da Redação do IBI

Você teve lições sobre a importância da nobreza e honra com o seu avô. Conte como foi isso?

Sim, meu avô, foi o grande mestre da minha vida, com ele aprendi muitas lições das quais certamente usarei por toda a minha vida. Algumas dessas lições ví os professores da graduação de Direito passarem durante as aulas, tal qual: "Princípio da Equidade: Tratar os iguais de forma igual e os desiguais de forma desigual". Meu avô nunca sentou-se em um banco de graduação de Direito ou de qualquer outra disciplina, mas quando tinha eu quatro anos de idade, já tinha a honra de acompanhar meu avô em muitas "aventuras" entre elas o trabalho. Como todo bom luso, era comerciante, e uma vez me advertiu, pois estava tendo a mesma conversa com uma funcionária do caixa que tivera a instantes atrás com um vendedor. Ele assim falou: "Oh filho, no comércio você não pode falar com as pessoas do mesmo jeito sempre, pois se não as magoa...". Pois a conversa que você tem com o vendedor tem que ser diferente com a menina que trabalha pra nós ao caixa. Não se está desfazendo de ninguém, mas tem certos assuntos que a pessoa pode se sentir menor por não entender ou não poder dialogar. Isso é respeitar os limites

de cada um."Essa sem dúvida é uma grande lição de nobreza, respeitar cada ser humano a sua maneira, coisa que revi, de outra forma na faculdade, lá pelos meus 20 anos. O Princípio da Equidade do qual falei. Poderia destacar outra que talvez é mais importante, se não acessória desta primeira: "Não sois nobre pelos bravos feitos dos Senhores D'Andrade de outras eras, não sois nobre pelo status ou pelo título que ostentas, serás nobre pelas ações que tens diante a vida e pela grandeza do teu coração."

Como o seu avô manteve acesa a chama dos Bobadela?

Meu avô tinha muitas saudades do mar e de uma época que muitos de nós só tem ideia dos filmes medievais, onde um homem era respeitado pela Casa (Família) da qual pertencia, pela contribuição que esta Casa deu ao seu povo e ao mundo, pelo respeito dos valores e tradições. Por algum motivo, que talvez Deus explique melhor do que eu, ele viu em mim a continuação dessa história que já remonta mais de dez séculos de linhagem e fidalguia. Ele me preparou desde muito pequeno para ser o seu sucessor, não só nas questões de família mas também nos nossos negócios. Confesso a você que achava meu avô até a minha adolescência um pouco "papudo", afinal, tanta glória, tanto passado e quase nenhum



“Acredito que a Monarquia é uma forma legítima de governo. Uma forma soberana pois consagra a família em primeiro lugar, pois temos uma família Real ou Imperial, e o Rei ou Imperador deve preparar a sua Casa para sobrepor-se aos anos. Logo ele tem que ser um pai honrado e zeloso, não

morgado... então fui ainda nessa altura sozinho a Portugal, para ver se o que meu avô contava tinha sentido. Chegando lá, procurei as pessoas mais pobres da terra, fiz ao contrário do que meu avô falava, pois tinha muitas dúvidas se éramos de fato tão importantes. Fui a Abrantes, dei com uma quinta muito bela, a beira Tejo, onde tinha o meu brasão de fora a fora no portão encrustado em metal e cobre. Pensei, deve ser outra pessoa. Continuei a subir até o Castelo do Bode, não encontrei nenhum parente pobre. Quando estava para ir embora, já na estação do comboio, um casal de senhores idosos me perguntou o que fazia ali. Disse que era do Brasil e que vim procurar uns

parentes pobres de meu avô. Ele perguntou-me qual era a família e quando eu disse, arregalou os olhos e me perguntou se eu tinha uma foto de meu avô e do pai dele. Na altura só tinha de meu bisavô. Ele arregalou o olho de novo e me disse: sois Senhor dessa terra, Vossa Casa é aquela alí a beira Tejo. Saí da estação de Abrantes para admirar estarrecido aquela maravilhosa quinta que era nossa. Então meu avô não havia mentido. O estranho é que nenhum trem ou comboio, como chamam os portugueses, havia alí passado. Quando voltei a olhar para trás o casal de senhores idosos havia sumido. Isto me arrepiava e me comove até hoje. Alí percebi que era parte de algo maior, fui a Chaves, ví



um Castelo que pertenceu a minha família, ainda em tempos anteriores o da idade média, o Castelo de Bobadela de Monforte. Voltei ao Brasil e contei ao meu avô o que tinha visto, pedi desculpas por ter duvidado dele, ele me desculpou e me advertiu: "Sois um rapaz de pouca fé, isso reflete em ti, acredita mais na tua Casa (Família) e em si próprio, pois sois maior do que pensas." Alí jurei que guardaria a história de minha família e dos Senhores de Bobadela até os últimos dias de minha vida, passando a diante ao meu filho e ao meu neto se Deus assim me permitir.

Na sua opinião, qual a importância disso?

A importância é que um homem sem passado é um homem sem presente e conseqüentemente será um homem sem futuro. A história é parte

do homem e eu sou parte da história, assim como todos nós. Conscientizar-me disso faz toda a diferença. Nunca tive qualquer contato com drogas, meus pais nunca me buscaram em delegacia ou coisa parecida, acredito que é saber quem sou, de onde venho e o que represento me mantém no prumo certo das coisas.

Fale sobre a história do Guardião de Bobadela.

Bom acho que já falei um pouco atrás mas não custa reforçar. A Península Ibérica pagava um tributo das 100 donzelas aos mouros e tinham que entregar 100 meninas virgens aos mouros para terem paz. As pessoas começaram a se revoltar. Os Templários foram guerrear contra os mouros na Galícia e nas cidades do norte, perderam a batalha e o seu

standart. Meu ancestral, Dom Bernardino Freire de Andrade, organizou um exército foi ter lá com os mouros e matou o rei árabe, que era Senhor do Castelo do Arco ou, como dizem os árabes, Bobadela. Meu ancestral teve êxito, retomou o standart dos Templários perdidos e foi aclamado Senhor do Castelo do Arco ou Senhor do Castelo de Bobadela, posteriormente Senhor de Bobadela. Depois foi elevado a Senhor e Conde de Bobadela, já por ordem do Rei Dom José I, ainda nos tempos do Brasil Colonial.

Você acredita que a volta da Monarquia é importante?

Acredito que a Monarquia é uma forma legítima de governo. Uma forma soberana pois consagra a família em primeiro lugar, pois temos uma família Real ou Imperial, e o Rei ou Imperador deve preparar a sua Casa para sobrepor-se aos anos. Logo ele tem que ser um pai honrado e zeloso, não apenas com os seus, mas com todos, pois é o pai da nação. Além disso, a história atual nos mostra que os IDH's mais altos do mundo são Monarquias, inclusive os três primeiros lugares desse ranking. Sem contar que a Monarquia é uma forma mais barata de governo. No primeiro ano da república a dívida do Brasil mais que triplicou, são muitos cargos, muita corrupção, muito falatório e pouco resultado.

Qual a importância do IBI?

Sinto-me honrado em fazer parte de um time tão selecto de idealistas e realizadores quanto o IBI, afinal somos movidos pela fé, pela esperança e valores de uma cultura que muitos não puderam conhecer. A importância esta exatamente aí, em levar as pessoas a real face da monarquia, da cultura, do saber e do discernimento, há muito usurpado pelo atual regime.

Você é um jovem advogado. Os jovens da sua idade conhecem o período imperial do Brasil?

Sou bacharel em Direito, atualmente curso Pós-Graduação, mas nunca me esqueço dos valores que me foram passados. Acredito que mais de 90% dos jovens da minha idade não conhecem o período imperial, conhecem apenas aquilo que foram programados para conhecer, ou seja nada, ou na maioria das vezes mentiras e simulações. Isso precisa ser mudado, e será.

Qual mensagem você deixar para aqueles que querem aderir ao movimento monarquista?

Arregassem as mangas, o Brasil é feito de pessoas. Se ele será um grande País, se ele será uma monarquia novamente, só depende de vocês. Um abraço á todos, Saudações Imperiais!

EMPÓRIO CURRAL DE MINAS

- Frios
- Queijos
- Doces
- Vinhos



Nacionais e Importados

- Cachaça

E AGORA TRABALHAMOS TAMBÉM COM PRODUTOS NATURAIS

Ração Humana, Linhaça, Aveias, Macarrão Integral e muitos outros produtos...

VENHA CONFERIR ...



Fone: (13) 3474-1148
Rua Roberto Shoji nº 441 - Boqueirão
Praça Grande/SP (antiga Rua Sorocaba)
www.emporiocurraldeminas.com.br
contato@emporiocurraldeminas.com.br

Monarquista,
anuncie seus
produtos e
serviços aqui



Artigo

“O ensino da História do Brasil no regime republicano é um monumento de habilidade no que se diz e no que não diz”

Neste artigo, o vice-presidente do Conselho do Instituto Brasil Imperial (IBI), dr. Rubens Vuono Brito Filho, aborda as mazelas do regime republicano e os malefícios que causou para a identidade nacional

Dr. Rubens Vuono Brito Filho

Otorrinolaringologista e
vice-presidente do Conselho do IBI

“Educ etiam tecum omnes tuos si minus quam plurimus; purga urbem” (Cícero, 1ª Catilinária cap. V)

“Leva também contigo todos os teus senão, o maior número possível; limpa a cidade” (Cícero, 1ª Catilinária cap. V)

Quase todos nós que descendemos de povos mediterrâneos conservamos muitas de suas tradições.

Uma delas é o almoço aos domingos com toda a família reunida.

Os italianos têm uma frase sobre estas reuniões festivas “em la tavola no se invecchia”.

“À mesa não se envelhece”. Lá estão avós, pais, filhos e netos, os amigos, todos felizes e contentes. As crianças pulam do colo dos avós para os dos pais, brincam com os primos, vão ao quintal e voltam para ganhar mais guloseimas. Os mais velhos contam casos ora engraçados ora episódios do trabalho e de suas vidas, mas problemas não são trazidos à mesa.

À mesa, a meu ver, estão as mais altas manifestações da natureza humana e, neste particular, responsáveis por toda esta alegria de viver e conviver: os sentidos, a vontade, a inteligência e também a fé (última ceia do N.S.J.C) para os

crentes como eu.

Os sentidos: o tato, ao tocar o tecido de um guardanapo engomado, ao partir um pedaço de pão fresquinho ou no sentir o calor de um prato quente ou o gelado do sorvete. A visão, ao enxergar a beleza da toalha, da mercenária e dos cristais. A audição, ao ouvir as conversas, fonte do intelecto e do bem falar. O olfato; o perfume das Sras, o buquê das boas bebidas, o aroma dos pratos e, finalmente, mas não por último, o paladar que é à mesas como a pedra de Toque, responsável pelos elogios e Loas às Sras. que esmeraram-se nos temperos e na disposição e apresentação da reunião festiva. Os sentidos despertam a vontade e são interpretados pela inteligência.

Existem, porém, pessoas ou grupo de pessoas que são destoantes à mesa. Geralmente não são convidadas mas “aparecem”. Pessoas que vêem mas não enxergam; ouvem mas não escutam, confundem perfumes buquês, aromas. Engolem sem mastigar, sentam em lugares que não lhe são próprios, cochicham em vez de conversar, muitas vezes dando as costas para uma senhora. Quem são estas pessoas que tem o poder e a resistência, quando em viagem, de comer uma maionese

de camarão já passada por dias de geladeira sem ficar doente, um ovo esverdeado de botequim de arrebalde com maria mole ressequida como sobremesa e um café requeadíssimo dezenas de vezes, sem dar um gemido, reclamar ou ir para no hospital?

São eles mesmos, já adivinharam!! Os políticos!!! E porque são assim? Porque pessoas de bom berço e educação, que frequentaram bons colégios sofreram verdadeira metamorfose regressiva? Orgulho dirão? Mas têm muito orgulhoso que tem aversão (fruto também do orgulho?) aos políticos. Então por quê? Pelo poder, o direito de mando. Muito bem, mas isto justifica todas estas atitudes de mau comportamento muitas vezes ridículas (abraçar pessoas que não lhe são apresentadas, dançar passinhos engraçados, tentar ou fazer embaixadas esportivas sem nunca ter jogado um futebol ou bola ao cesto?) beijar crianças nas ruas, enfim tudo o que a nossa educação e bom senso reprovam ou desaprovam?

Para eles justificam sim; pela conquista do voto. Os meios enquanto atitudes reprováveis justificam o fim, voto, ou seja, a posse da autoridade.

Autoridade é por definição o direito

de mandar e provém de uma superioridade, que deve ser para o bem, exemplo: autoridade do médico, advogado, engenheiro, militar está baseado na superioridade de conhecimentos em medicina, leis, engenharia e conhecimento bélico. A autoridade das testemunhas, continuando, provém da sua superioridade presencial. De um mestre pedreiro ou sapateiro da superioridade de conhecimentos de seu ofício e assim por diante. Então pergunto: por que a mais alta autoridade de um país (presidente) provém da inferioridade do sistema corrupto que o escolhe e não da superioridade de conhecimentos para o bem?

Os políticos juntam-se em partidos. Estes, por sua vez, decidem não quem é o melhor ou mais capaz para o país ou para a humanidade, mas sim quem é o melhor de voto, de palanque, ou melhor, dito “bom de bico”. Em consequência, temos esta fauna de eleitos que se repetem há 100 anos.

“Todo poder vem pelo voto”, frase de efeito que tantas vezes repetidas acaba por lavar e retirar do cérebro a vontade e a capacidade de refletir e opor-se, principalmente na população, de per si apolítica honesta e trabalhadeira. Desta maneira não há qualquer defesa possível dentro



desta “legalidade” absurda, responsável pelas desgraças que nos encontramos (e outros povos também). Eis o ponto! E eternamente será assim como foi no último século de desgovernos republicanos (nos últimos 84 anos apenas três presidentes civis e eleitos por voto direto terminaram o mandato). Eleições corruptas, a começar pelas mais modestas do interior que distraem mas envenenam; que envenenam mas arruinam a todos os que nela acreditaram. Lutas partidárias sem ética que dividem e desunem. Indução pela mídia dos eleitores por meio de técnicas cada vez mais sofisticadas que encantam e depois desapontam.

Quanto o executivo provém deste sistema, o legislativo idem, e o judiciário é devedor dos dois últimos, o sistema emperra (crises institucionais, ingovernabilidade) e então, todas as linhas que deveriam ser traçadas para o bem do Brasil (política econômica social e militar) transformam-se em linhas quebradas ou pontilhadas. Não existem programas que perdurem, para o bem da nossa pátria, para alegria e despreocupação das potências estrangeiras que podem a cada eleição imiscuírem-se nos interesses mais altos do nosso país por meio de grandes corporações ou testas de ferro. Daí golpes, contragolpes, sete constituições, três períodos ditatoriais neste século republicano. Deste 1926

apenas três presidentes civis e eleitos pelo povo terminaram o mandato, sendo dois destes com crises fortíssimas de ingovernabilidade (e antes de 1926 quase todos, ou todos, tiveram períodos de estado de sítio).

Quem controla o presente, controla o passado (história) e quem controla o passado, controla o futuro (G.Orwell, 1984) e isto está acontecendo e é muito sério. No Brasil, o desmonte da história pelos positivistas de 89, e depois pelos marxistas, trouxe o aniquilamento da verdade no que se refere aos nossos grandes homens e suas realizações notadamente os do século XIX com irreparável prejuízo pelos ethos nacional.

O ensino da História do Brasil no regime republicano é um monumento de habilidade no que se diz e no que não diz, no que cala, no que insinua, no que recalca, no que esconde, no que intriga, no que injuria e no que cria.

Exemplos?!!

A dilapidação e destruição dos prédios e arquitetura imperial (palácios, teatros, monumentos) em nome do “progresso”. Pobre Rio de Janeiro! Pobre missão francesa!

Músicas (hinos militares, sacros, padre Maurício, Carlos Gomes), concertos da época, o leilão do Paço da Quinta da Boa Vista e do Palácio de Santa Cruz (1891) com perda do maior acervo de arte das américas de então etc. Ótimo

trabalho de pesquisa para quem é bom investigador.

Mudança da Bandeira Nacional sem consentimento do povo.

Extinção das condecorações de valor e honra, por merecimento (nunca por herança), que os mais ilustres brasileiros ostentaram Caxias, Tamandaré, padre Maurício, Visconde do Rio Branco, Barão do Rio Branco, Taunay, substituídos por medalhas sem tradição (as antigas condecorações vinham de muitos séculos).

E, por falar em tradição, é a principal responsável pela Unidade Nacional, mas paradoxalmente, ou propositadamente, foi alijada pelo governo republicano do Brasil. O poder da tradição, das famílias, da honra, história, glória, da defesa contra os maus governos, poder este da Casa Imperial (antiquíssimo mas não velho) educada e aclamada; com muito mais sinceridade do que as eleições dos governos nas repúblicas. O poder da tradição que tínhamos no tempo dos imperadores foi responsável, sem nenhuma dúvida, pelos mais de 8 milhões de km² de nossa terra.

Se Montesquieu vivesse, talvez fosse o primeiro a recolocar juntamente com os outros três poderes o poder moderador de Benjamin Constant (o francês) que tínhamos na nossa Constituição Imperial e aí sim com os poderes executivo (primeiro ministro), legislativo (“escola de estadista, hoje praça de negócios”, no dizer de Rui

Barbosa) e judiciário nomeado pelo poder moderador (por mérito), o Brasil voltaria ao caminho da honra e do progresso dos quais jamais deveria ter-se distanciado.

Termino com Rui Barbosa republicano de último momento, mas histórico e muito arrependido.

Em 1920, revogada a Lei do Banimento (pesquisem o motivo desta lei e do decreto rolha!), tem Rui ocasião de referir-se ao Imperador no discurso que pronunciou na Liga de Defesa Nacional e o fez declarando representante dos seus companheiros de governo provisório acentuando o caráter de reparação dado aos traslados dos restos imperiais. Reparação?? “Sim, reparação, porque tardou, tardando todo o tempo em que, com tardar, excedeu a medida, o critério, o limite da razão, da conveniência, da necessidade é arbítrio, é injustiça, é esbulho e conseqüentemente demanda, exige, impõe reparação”.

“Sem algumas virtudes notáveis não seria possível exercitar função tão útil, e para medir o bem que deveria ter causado pelo mal que sua falta causaria, basta calcular em que estado se acharia o Brasil, ao cabo daqueles sessenta anos, se durante eles se houvesse regido o Império com o mesmo gênero de moralidade e idoneidade com que se tem dirigido a república nos seus trinta e mal dissimulados governo constitucional e nominal democracia (...)”.

Respondendo então aos que lhe acusaram de haver mudado, respondia Rui explicando em que consistiam essas mudanças e declarava: “Mas em todos esses pontos, é sempre ao menos para o mais, suponho eu, do mal para o bem, e do bem para o melhor que tenho mudado, ou feito por mudar, com especialidade nos trinta e três anos que vêm da agonia do outro regime, a isto que não sei como se chama do atual.

“Quousque tandem abutere Catilina nostram patientia?”

“Até quando enfim Catilina abusará de nossa paciência?” (Cícero, *Catilinária*, 1ª oração)

Coplan Consultoria e Planejamento Ltda.



A COPLAN é uma empresa de consultoria empresarial principalmente nas áreas de administração, finanças e planejamento estratégico, utilizando a experiência de seu titular que já ocupou cargos executivos em empresas de grande porte, estando portanto, em condições de transferir a seus clientes essa experiência.

Rua Iraci, 555 - Jd. Paulistano
Cep 01457-000
São Paulo - SP

Tel.: (11) 3815-6490
Fax.: (11) 3813-8500
e-mail: coplan@coplanet.com.br